

CONTRIBUIÇÕES DA PRÁTICA DO CLOWN PARA HUMANIZAÇÃO DO PSICOTERAPEUTA E EFICIÊNCIA DA RELAÇÃO TERAPÊUTICA

Gustavo Sinhorini Menegon; Amanda Lotterman de Lima
gus.menegon@gmail.com

Eixo 1: A humanização e seus caminhos

A Psicoterapia Analítica Funcional (FAP) busca a mudança comportamental pautada no relacionamento terapêutico como instrumento de intervenção. As interações no contexto clínico são predominantemente verbais, ocorrendo através do compartilhamento de relatos do ambiente externo e de autorrevelações. Dentro de uma interação íntima, a autorrevelação é validada por outra pessoa, logo se deve estar aberto a consequências como críticas ou punições. Logo, a audiência não-punitiva por parte do(a) psicoterapeuta é essencial tanto para o estabelecimento do vínculo quanto para o desenvolvimento da terapia. Destarte, objetiva-se demonstrar como a prática do Clown é capaz de propiciar um aprendizado de humanização pelos psicoterapeutas. Foram investigadas bibliografias acerca da FAP e da prática do Clown que apresentassem aspectos de cada técnica que possibilitassem um diálogo entre ambas. O(A) psicoterapeuta que passa pelo processo de construção de seu Clown aprende a ser reativo e sincero para com a demanda de seu público, nesse caso, seu(a) cliente, desenvolvendo, assim, uma relação de intimidade e de escuta não punitiva. Ademais, a FAP enfatiza a importância da expressão de emoções e sentimentos no processo terapêutico - o psicoterapeuta acolhe as necessidades do cliente para que ele não se esquive dessas experiências. Caso o(a) psicoterapeuta mantenha uma posição puramente técnica e uma expressão facial impessoal, ele(a) pode vir a punir os comportamentos vulneráveis do(a) cliente em relação a ele(a) e diminuir a possibilidade de que o(a) cliente se expresse abertamente no futuro. Quando psicoterapeuta e cliente valorizam comportamentos vulneráveis à punição interpessoal, uma relação íntima bidirecional é construída. Portanto, o(a) terapeuta também se coloca como vulnerável dentro dessa relação, o que pode ser aprendido através de sua experiência como Clown, dado que essa figura é demasiada humana - é a própria personificação de sua fragilidade e do erro. Enquanto Clown, o(a) psicoterapeuta entra em contato com seu "eu exacerbado", possibilitando se sentir o mais vulnerável possível, que é a forma com que o cliente se encontra dentro do processo psicoterapêutico. Portanto, a prática do Clown é humanizadora, visto que promove a criação de laços mais sinceros e empáticos entre cliente e psicoterapeuta, contribuindo para a efetividade da FAP.

Palavras-chave: Psicoterapia Analítica Funcional; Prática do Clown; Humanização.

Referências:

LUCENA-SANTOS, Paola; PINTO-GOUVEIA, José; OLIVEIRA, Margareth da Silva. **Terapias comportamentais de terceira geração: Guia para profissionais.** Novo Hamburgo: Sinopsys, 2015.

RIBEIRO, Alex Sandro; OLIVEIRA, Susana Rodrigues de; BORGES, Nicodemos Batista. Análise da produção científica a respeito de psicoterapia analítica funcional (FAP). **Perspectivas**, São Paulo, v. 4, n. 2, p. 106-121, 2013.

RIBEIRO, Everton; MARTINS, Suzanne Barros. As contribuições do clown no trabalho do artista cênico: experiência e formação. **In: O Mosaico Revista de Pesquisa em Artes/ FAP**, Curitiba, n.3, p.1-24, jan/jun, 2010.

VANDENBERGHE, Luc; PEREIRA, Mychelle Borges. O papel da intimidade na relação terapêutica: uma revisão teórica à luz da análise clínica do comportamento. **Psicol. teor. prat.**, São Paulo, v. 7, n. 1, p. 127-136, jun. 2005.

WUO, Ana Elvira. A linguagem secreta do *Clown*. Revista **Integração**. São Paulo, Ano XV, No. 56, p.57-62, Jan/Fev/Mar. 2009.